

NOR 1001

A OpenAI entrou com uma ação na segunda-feira em uma corte federal de Nova York na qual tenta desqualificar alguns dos pontos centrais de um processo movido pelo New York Times contra a empresa e sua parceira, a Microsoft. O jornal acusa as empresas de violarem o direito autoral ao usarem milhões de artigos para treinar o ChatGPT, ferramenta de inteligência artificial (IA). Chatbots como o ChatGPT agora concorrem com veículos de mídia como fonte de informação confiável, segundo o processo.

Na ação protocolada, a OpenAI afirma que o ChatGPT "não é de modo algum um substituto para uma assinatura do New York Times". "No mundo real, as pessoas não usam o ChatGPT ou qualquer outro produto da OpenAI para esse propósito", diz o documento. "Nem poderiam. No caminho normal, não é possível usar o ChatGPT para veicular artigos do New York Times", acrescenta o texto.

A empresa argumenta que o jornal americano "hackeou" sua interface de inteligência artificial para produzir "resultados altamente anômalos".

"Foram necessárias dezenas de milhares de tentativas para gerar os resultados altamente anômalos", diz a ação protocolada na segunda-feira. "Eles só conseguiram fazer isso visitando e engendrando um bug (que a OpenAI se comprometeu a resolver) usando prompts enganosos que violam flagrante e intencionalmente os termos de uso da OpenAI", diz o documento. O New York Times afirma, porém, que, em nenhum trecho do documento protocolado, a Justiça a empresa nega ter "copiado milhões de conteúdos do New York Times para construir e fortalecer seus produtos comerciais sem a permissão do jornal".

Ian B. Crosby, sócio do escritório Susman Godfrey e principal conselheiro legal do New York Times, afir-



Processo. OpenAI, criadora do ChatGPT, apresentou recurso em que diz que o New York Times "hackeou" a ferramenta para obter resultados anômalos.

## Acusada de violar direito autoral, OpenAI tenta desqualificar argumentos do New York Times

Jornal diz que empresa não desmente em sua resposta na Justiça americana ter usado conteúdo protegido para treinar ferramenta de inteligência artificial

mou em comunicado: "O que a OpenAI bizarramente descaracteriza como hackeamento é simplesmente o uso dos produtos da OpenAI para buscar provas de que ela roubou e reproduziu trabalhos do New York Times protegidos por direito autoral", afirmou. "E isso é exatamente o que encontramos".

### PRIMEIRO PROCESSO

O recurso da OpenAI pede que o tribunal rejeite alegações da queixa do New York Times para restringir o foco do processo. Os advogados da companhia argumentaram que o New York Times não

deveria poder abrir um processo pela reprodução de atos que ocorreram há mais de três anos. Além disso, acrescenta que a alegação do jornal de que a OpenAI violou a Lei de Direitos Autorais do Milênio Digital, uma emenda à lei de direitos autorais dos EUA aprovada em 1998 após o surgimento da internet, não era juridicamente sólida.

O New York Times foi a primeira grande empresa de mídia americana a processar a OpenAI por questões relacionadas ao direito autoral sobre seus conteúdos. Escritores, programadores de computadores e outros grupos já

entraram com ações referentes ao direito autoral contra startups e outras empresas que construíram ferramentas de inteligência artificial com tecnologias que geram texto, imagem e outras mídias a partir de instruções digitadas pelo usuário.

Assim como outras empresas de inteligência artificial, a OpenAI construiu sua tecnologia alimentando a ferramenta com uma quantidade gigantesca de dados, com parte deles protegidos por direito autoral. As empresas de IA têm argumentado até agora que podem legalmente usar tais



"O que a OpenAI bizarramente descaracteriza como hackeamento é simplesmente o uso dos produtos da OpenAI para buscar provas de que ela roubou e reproduziu trabalhos do New York Times protegidos por direito autoral".

Ian B. Crosby, conselheiro legal do NYT

materiais para treinar seus sistemas sem pagar por isso porque são públicos e não estão reproduzindo o material na íntegra.

Em sua ação, o New York Times incluiu exemplos do sistema da OpenAI reproduzindo trechos de seus artigos praticamente na íntegra. Na resposta protocolada na segunda-feira, os advogados da OpenAI acusaram o New York Times de pagar alguém para hackear seu chatbot.

### NYT PROÍBE USO DE TEXTO

O texto da OpenAI também cita precedentes legais que permitem o uso de conteúdo protegido por direitos autorais "na criação de produtos novos, diferentes e inovadores". "A OpenAI e os outros réus nesses processos acabariam prevalecendo porque ninguém, nem mesmo o New York Times, consegue monopolizar os fatos ou as regras da linguagem", diz a petição.

Em dezembro, o New York Times proibiu o uso de seu conteúdo por plataformas de IA sem autorização e afirmou que "para produzir jornalismo de qualidade, o Times investe uma enorme quantidade de tempo, dinheiro, experiência e talento", e que se sua "capacidade de obter receitas" fosse colocada em dúvida, a qualidade e a quantidade da produção editorial diminuiriam.

No processo movido pelo New York Times, o jornal estima em bilhões de dólares os danos sofridos e exige uma indenização, além de uma ordem para que as empresas desistam de usar seu conteúdo e apaguem os dados já usados para alimentar a ferramenta.

A Microsoft entra no processo por ser um investidor importante na criadora do ChatGPT.

O processo poderá definir os contornos legais para o uso da nova tecnologia de inteligência artificial generativa — ou seja, que gera conteúdos como textos, imagens e outros a partir do aprendizado com grandes conjuntos de dados — e ter implicações para toda a indústria de mídia. (De New York Times, com agências)

## Dolphin Mini é aposta da BYD para mercado brasileiro

Montadora chinesa dará desconto de R\$10 mil para o lançamento do veículo no país. Objetivo é ter preço competitivo

VINÍCIUS NEDER

vinicius.neder@globo.com.br

O Dolphin Mini, aposta da montadora chinesa BYD para ganhar mercado no Brasil com um carro elétrico de preço competitivo, começará a ser vendido hoje, com direito a desconto de R\$10 mil para quem fez reservas, pela loja oficial da marca na plataforma de comércio eletrônico Mercado Livre ou nas concessionárias. O preço final ao consumidor ainda não está definido, mas deve ser inferior aos R\$10 mil pagos na reserva.

O novo carro é um compacto, com motor de 75 cavalos, que promete economia com combustível e manutenção e vários opcionais tecnológicos — como câmbio automático, ajuste elétrico do banco do motorista, central multimídia com tela de 10,1 polegadas, câmera de ré e carregamento do celular por indução.

Por isso, a BYD quer focar no apelo de que o valor é mais importante do que o preço, afirmou Pablo Toledo, diretor de Comunicação e Marketing da subsidiária brasileira da mon-

tadora chinesa. O executivo confirmou que o objetivo é deixar o preço o mais baixo possível em torno de R\$100 mil, valor que tem sido ventilado nos últimos meses. E disse que os ex-dados da operação brasileira seguiriam trabalhando para convencer a matriz da China a baixar mais.

— Estamos negociando o preço até as primeiras horas de hoje, porque entendemos que é muito importante como posicionamento e estratégia de modo geral. É uma negociação que vai entrar pela madrugada com a China — disse Toledo.

### LIVE COM LUCIANO HUCK

O ministro oficial de hoje terá evento de lançamento, com o apresentador Luciano Huck como anfitrião e transmissão ao vivo pela internet. Segundo Toledo, Huck firmou contrato até o fim do ano, para estrelar campanhas publicitárias e outras ações — o anúncio do lançamento e da abertura das reservas do carro foi feito no programa do último domingo. A estratégia de divulgação inclui campanhas publicitárias na TV aberta e ação durante a novela



Compacto. Negociação sobre preço do Dolphin Mini, que será lançado hoje, deve se estender até o fim do mês.

"Renacer", da TV Globo, no horário das 21 horas.

— O lançamento vai ter muita "ponta de lápis". Ainda inclui o valor do carro, mas a isenção do IPVA em algumas capitais, o desgaste menor que peças de carros elétricos têm e a autonomia de recarga — diz Toledo.

No Dolphin Mini, a BYD deve cobrar pelas revisões anuais. Em outros lançamentos, o preço final inclui a manutenção por cinco anos, mas a montadora prevê que vendas elevadas tornem impossível oferecer isso no novo carro.

Ainda assim, a promessa é de revisões mais baratas.

Não está definido se o Dolphin Mini virá com cabo para carregar na tomada incluído.

A empresa buscará com o Santander, parceiro financeiro, as melhores condições de financiamento. O juro mensal deve ficar em 0,99%.

A BYD firmou também uma parceria com a seguradora Porto, para oferecer condições vantajosas na contratação do seguro.

Além disso, haverá uma promoção com a Raizen Power, que no início do mês anunciou

parceria com a montadora chinesa para instalar pontos de recarga de veículos elétricos nos postos Shell, cuja rede é operada pela Raizen. Os 3 mil primeiros compradores do Dolphin Mini terão recarga grátis nos postos, até um limite de 100 kilowatts por mês.

A BYD vendeu 178.899 carros no país em 2023, conquistando 1,04% do mercado nacional, segundo a Fenabrev, entidade que representa as concessionárias. Em janeiro deste ano, a participação saltou para 3,62%, com 4.294 veículos vendidos, a décima maior

montadora em vendas.

Segundo Cássio Pagliarini, sócio da Bright Consulting, consultoria especializada no setor automotivo, a forte entrada no mercado brasileiro não só da BYD, mas da GWM, tem por trás uma estratégia de política industrial da China, que data de 20 anos e aposta no desenvolvimento de baterias e veículos elétricos. A Bright estima que, em até cinco anos, as duas fabricantes chinesas terão o mesmo tamanho de mercado nacional, o que será positivo para a economia.

— Não é ruim para o Brasil. Eles estão trazendo tecnologia, vão montar fábricas — afirmou Pagliarini, lembrando que as montadoras multinacionais tradicionais e os fabricantes de autopeças dedicadas ao motor a combustão deverão sair perdendo. — As montadoras que não trouxerem a tecnologia de eletrificação vão ficar para trás.

A BYD anunciará parceria com o aplicativo de transporte 99. A ideia, segundo Toledo, é oferecer condições mais vantajosas, no financiamento, para os motoristas do app comprarem o novo carro.

— Vai ser um superlançamento para motoristas de aplicativo, pela economia que ele terá no consumo de combustível. Vamos anunciar uma boa parceria com a 99.